

HIP HOP COMO ESTRATÉGIA DE ORGANIZAÇÃO DA RAIVA: CONTRIBUIÇÕES PARA SOBREVIVÊNCIA DE MULHERES NEGRAS DE FAVELAS¹

Tamillys Lirio da Silva²
Bruna Mendes³

RESUMO: Audre Lorde, mulher negra, professora, lésbica, mãe, poetisa nos anos 80 nos deixou lições, pensamentos e conceitos vanguardistas, dentre estes, sobre as estratégias para lidar com a raiva. Lorde sugere que as mulheres negras possam organizar suas raivas, sobretudo, para sobreviver. Inspiradas por essa provocação, neste artigo olhamos para tais estratégias através do movimento Hip Hop, como elemento capaz de organizar as raivas e reforçar potências das mulheres negras de favelas. Para tanto, fizemos uma revisão bibliográfica do pensamento de Lorde sobre a raiva e articulamos suas ideias com as contribuições de Beatriz Nascimento e Marielle Franco. Analisamos as produções artísticas das rappers Nega Gizza e Dina Di, que evidenciam o Hip Hop como caminho estratégico para organizar a raiva e um caminho para nomear e afirmar identidades que são o alvo das políticas de morte e silenciamento presentes no país.

PALAVRAS -CHAVE: Hip Hop, raiva, racismo, mulheres negras, estratégias de sobrevivência

ABSTRACT: Audre Lorde, a black woman, teacher, lesbian, mother, and poet in the 1980s, left us with lessons, thoughts, and avant-garde concepts, including strategies for dealing with anger. Lorde suggests that black women can organize their anger, above all, to survive. Inspired by this provocation, in this article we look at such strategies through the Hip Hop movement, as an element capable of organizing anger and reinforcing the powers of black women from favelas. To this end, we conducted a bibliographic review of Lorde's thinking on anger and articulated her ideas with the contributions of Beatriz Nascimento and Marielle Franco. We analyzed the artistic productions of rappers Nega Gizza and Dina Di, who highlight Hip Hop as a strategic path to organize anger and a way to name and affirm identities that are the target of the policies of death and silencing present in the country.

KEYWORDS: Hip Hop, anger, racism, black women, survival str

¹ Este artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, com financiamento do CNPq, no Programa de Ciências Humanas e Sociais da UFABC, desenvolvida por Tamillys Lirio da Silva sob orientação da Profa. Bruna Mendes. Os trechos escritos no artigo em primeira pessoa são da autora da dissertação.

² Mulher negra, ex-empregada doméstica de periferia, mestranda em Ciências Humanas e Sociais pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do ABC- UFABC, psicóloga e ativista de Direitos Humanos através do Movimento Hip Hop.

³ Doutora e Mestre em Política Científica e Tecnológica pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Possui também Mestrado em Gênero e Política de Igualdade pela Universidade de Valência (Espanha) e Especialização em Economia Solidária e Tecnologia Social na América Latina (Unicamp). UFABC - Universidade Federal do ABC. CCNH - Centro de Ciências Naturais e Humanas. Campus Santo André -

Introdução

Mais de 30 anos após sua morte, Audre Lorde continua sendo uma pensadora atual. Suas afirmações seguem intensas, dolorosas e necessárias. No entanto, suas obras só foram publicadas em português em 2019, com a tradução de “Irmã *Outsider* - Ensaios e Conferências”, sendo que seus textos já inspiravam, ecoavam e incomodavam desde os anos 1970. Uma estrangeira como o nome do livro propõe, Audre Lorde era negra dentro do movimento feminista, era LGBTQIA+ no movimento negro, era ativista e poetisa na academia — estava sempre num lugar que não era cômodo ou comum para ela, e acredito que essa “indigestão” era algo que ela não desejava para todas as outras pessoas, principalmente àquelas que são atravessadas por opressões de raça, gênero, sexualidade e classe, não para aquelas que ela chamava de irmãs. Audre Lorde foi uma das pioneiras em articular análises interseccionais das opressões, em uma reflexão profundamente analítica que só seria reconhecida tempos depois. Lorde era uma estrategista, e em suas obras, é possível encontrar uma linguagem bélica, reforçando a ideia da existência de uma guerra constante para seguir viva, sendo mulher, mãe, lésbica e negra, diante das opressões de uma sociedade racista, lesbofóbica e machista. (Lorde, 1985/2020).

Toda mulher tem um arsenal de raiva bem abastecido que pode ser muito útil contra as opressões, pessoais e institucionais, que são a origem dessa raiva. Usada com precisão, ela pode se tornar uma poderosa fonte de energia a serviço do progresso e da mudança. E quando falo de mudança não me refiro a serviço a uma simples troca de papéis ou a uma redução temporária das tensões, nem a habilidade de sorrir ou se sentir bem. Estou falando de uma alteração radical na base dos pressupostos sobre os quais nossas vidas são construídas. (Lorde, 1981/2019, p.159)

Essa sobrevivência ressaltada por Lorde, atravessa o tempo e o território e encontra conexões com as análises sobre a realidade das mulheres de favelas feitas pela socióloga e vereadora Marielle Franco, também mulher negra e lésbica, da favela da Maré, cujo assassinato — ocorrido em março de 2018 — pode ser considerado um crime de feminicídio político⁴. Para Franco (2017), há desigualdades que marcam as mulheres

⁴ Em 14 de março de 2018, a vereadora Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes, foram assassinados na cidade do Rio de Janeiro. Somente após 6 anos de intensas investigações, a Polícia Federal chegou à conclusão de que, os mandantes do assassinato da vereadora eleita e seu motorista são, um dos chefes da Polícia Civil do Rio, que foi nomeado para o cargo um dia antes do crime, além de um Deputado Federal pelo Rio e um Conselheiro do Tribunal de Contas do estado. (NASCIMENTO, 2024) O assassinato político de Marielle e Anderson deflagrou a complexidade das violências instauradas no estado do Rio, que envolvem atores de forças policiais e políticas, atores que não somente foram mandantes do assassinato, como também dificultaram a investigação.



faveladas e negras em relação às mulheres que estão em outros grupos sociais, como as de classe média, as mulheres brancas, aquelas que habitam os bairros e locais privilegiados das grandes cidades. Para exemplificar, Franco elenca que, os locais de moradia afastados dos equipamentos educacionais, de saúde e lazer do Estado, além da constante exposição à violência letal e à discriminação, são fatores que agudizam a realidade de mulheres negras e moradoras de favelas, em comparação com outras populações.

No intuito de compreender os caminhos que mulheres negras, de favelas e periferias encontram para sobreviver diante de tantos abismos, nossa proposta é de analisar, a partir de obras de autoras como Audre Lorde, Marielle Franco e Beatriz Nascimento, mas também de histórias e obras de Rappers Brasileiras como Nega Gizza e Dina Di, buscando identificar possíveis estratégias adotadas por estas mulheres para sobreviver numa sociedade que as odeia. Como seguir viva e ainda nutrir famílias, —as nossas e das nossas comunidades— diante de um sistema racista vivo, experiente e eficaz no que se propõe? Provocadas pela aposta de Audre Lorde, examinamos os caminhos encontrados para fazer os usos da raiva como estratégia de sobrevivência, especialmente aquelas sendo protagonizadas por mulheres negras nas favelas e periferias do Sudeste Brasileiro.

Neste artigo, que é parte de uma pesquisa mais ampla de mestrado, olhamos para tais estratégias através do movimento Hip Hop, como elemento capaz de organizar as raivas e reforçar potências das mulheres negras de favelas. Tais estratégias nos permitem discutir quais são usos criativos que têm sido feitos da raiva, e que seguem nos movendo na busca por evidenciar as muitas potências vindas de mulheres negras de favelas e periferias.

Mulheres negras de favelas tecem caminhos para organizar a raiva e sobreviver

Inúmeros estudos comprovam os problemas sociais em decorrência das opressões de raça, gênero e classe no Brasil, disparidades que foram exponenciadas no cenário da pandemia da COVID-19. Dentre eles, o estudo realizado pela Rede de Pesquisa Solidária (USP, 2021) revela que “não apenas as mulheres negras têm maiores chances de

mortalidade pela COVID-19 em comparação aos homens brancos em praticamente todas as ocupações de menor instrução, como também são maiores as chances em relação às mulheres brancas”. O trabalho conjunto de pesquisadores e instituições, brasileiras e internacionais, reuniu e analisou dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde de 2020, demonstrando que, os já conhecidos determinantes sociais em saúde, tais como, moradias mais insalubres, acesso inadequado à água, dieta com baixa qualidade nutricional, espaços que afetam o estado psíquico, entre outros, explicam porque a população de mulheres negras, principalmente àquelas moradoras de favelas e periferias, ficou mais vulnerável à morte durante a pandemia. (USP, 2021)

Os agravos em consequência da violência nos territórios de favelas, são um ponto que merece atenção, quando falamos da sobrevivência das mulheres negras, especialmente no contexto de impactos no somatório de crises da atualidade. Sabemos que a pandemia da COVID-19 teve impactos que acentuaram ainda mais as vulnerabilidades já existentes entre as populações de baixa renda. Essas condições impuseram um fardo ainda mais pesado às mulheres negras, que acumulam trabalho doméstico, cuidados com as crianças e exposição aos cenários de insegurança alimentar, evidenciando disparidades interseccionais. Dados da ONU Mulheres (2020) indicam que as pessoas negras compõem a maior parte da força de trabalho empobrecida do Brasil, têm menos acesso a saneamento adequado e segurança alimentar e representam a maioria das pessoas que foram à óbito em decorrência da infecção pela COVID-19. Ainda mais complexa é a situação das 11 milhões de famílias monoparentais chefiadas por mulheres, que podem não ter ninguém para compartilhar esse trabalho (ONU Mulheres, 2020 ; IBGE, 2020).

Para além dos outros tantos problemas em decorrência do racismo, Audre Lorde ressalta que ele causa raiva, e para definir essa raiva profunda e dolorosa, de uma forma empírica e não teórica, a autora relata uma situação que vivenciou num supermercado em 1967, em que empurrava o carrinho de sua filha e fazia compras, quando uma criança branca — ao lado de sua mãe — passa por elas e fala alto, “olha mãe, uma empregada bebê” e a mãe branca não a corrige, mandando-a “calar a boca e seguir”. A autora nos alerta, “qualquer discussão sobre racismo que se dê entre mulheres deve incluir a



admissão e o uso da raiva”, ressaltando que mulheres negras⁵ crescem cercadas em meio a uma sinfonia de raiva e que esse sentimento é uma reação apropriada diante das atitudes racistas. (Lorde, 1981/2019, p.53)

Em seu importante artigo sobre o tema, chamado “Sobre os usos da raiva - as mulheres reagem ao racismo” (1981), Audre Lorde provoca um mal estar impossível de ser ignorado pelas pessoas, um incômodo necessário para refletir sobre a violência do racismo, o impacto que ele causa nas pessoas que sofrem com essa violência e a inevitável raiva que se acumula nos corpos negros. Para as mulheres, especialmente negras, ela ensina: organizem sua raiva, utilize-a como um combustível nos momentos em que você precisa de energia para reagir diante da violência racial, de gênero e sexualidade que pode nos matar. Não deixe que esse sentimento que você conhece tão intimamente — cotidianamente, te destrua (Lorde, 1981/2019). Diante da descoberta de um câncer de mama, em 1977, aos 43 anos, Lorde começou a “tomar consciência de sua mortalidade” (Lorde, 2019, p. 52), passando a analisar sua existência e a escrever sobre possíveis estratégias para prolongar sua vida, considerando uma sociedade em que a sobrevivência das mulheres negras nunca fez parte dos planos (Lorde, 2019). Para Audre o câncer era tão político quanto o racismo:

Racismo. Câncer. Nos dois casos, a vitória do agressor depende da conquista, mas quem resiste só precisa sobreviver. Como defino o que é sobrevivência e em quais termos? [...] A precisão do diagnóstico se tornou menos importante do que a maneira como uso a vida que tenho. (Lorde, 1988/2020, p.195)

No texto, Audre faz uma distinção importante, raiva é diferente de ódio. Ela ressalta que o ódio é um sentimento destrutivo, que não nos serve e não poderia ser organizado e utilizado ao nosso favor, já que o ódio seria o oposto do amor. Numa lição cativante, Audre Lorde ensina que podemos usar a raiva, da mesma forma que nossos algozes fazem, para enfraquecer nossos oponentes, para encontrar forças e sobreviver aos dias mais cansativos. Mas para construir saídas e alternativas concretas de bem estar, só o amor poderia fornecer os elementos que alimentam a vida.

⁵ Audre utiliza o termo “mulheres de cor” para incluir outras mulheres não brancas, termo comum no contexto norte americano, mas que não foi utilizado na tradução para o português.



É doloroso ressaltar que Marielle Franco e Beatriz Nascimento, pensadoras negras que trago como referências nesse artigo, foram brutalmente assassinadas. Marielle cujo crime político foi recentemente desvelado após seis anos de dúvidas e angústia sobre os mandantes de seu assassinato (Nascimento, 2024) e Beatriz Nascimento que foi vítima de feminicídio, assassinada pelo companheiro de uma amiga (Gramado, 1995). Já Carolina Maria de Jesus, que pode ser considerada uma das maiores autoras brasileiras, apesar do sucesso de sua obra *Quarto de Despejo*, faleceu pobre em decorrência de insuficiência respiratória por asma (Anônimo, 2021). E a grande referência do artigo, Audre Lorde, faleceu aos 58 anos, em decorrência do câncer metastático no fígado, que teve origem na mama aos 43 anos (Lorde, 2019).

Os territórios mais vulneráveis e invisibilizados do país, as favelas e comunidades urbanas, são majoritariamente femininos e negros.⁶ Segundo a historiadora Beatriz Nascimento (1942;1995), há uma linha de continuidade histórica entre os quilombos e as favelas, e ambos são sistemas sociais alternativos organizados por pessoas negras, e por mulheres, as provedoras de cuidado de suas famílias e de suas comunidades. A leitura de que as favelas são dominadas por homens, extremamente influenciada pelos veículos de mídia e pelo senso comum, de que o tráfico de drogas e armas são os poderes que dominam tais territórios, é superficial e com uma visão embaçada pelo colonialismo. Como é ressaltado pela autora do Livro *Feminismos Favelados*, Andreza Jorge, mulher negra também ativista e cria da favela da Maré:

Falar sobre favela é também cuidar para não cair em armadilhas produzidas pela hegemonia, que tem como hábito essencializar, pegando uma figura identitária e utilizando-a como token para falar sobre uma experiência individual e, a partir daí, universalizar e pressupor tudo. Esse é o clássico modus operandi do sistema eurocêntrico, colonial de produção de conhecimento. (Jorge, 2023, p.137)

Andreza Jorge, neste trabalho que é fruto da sua vivência coletiva, familiar e ancestral na favela da Maré reforça que, tais experiências faveladas, a posicionam de

⁶ A Síntese de Indicadores Sociais do IBGE de 2018, destaca que há mais de 7,8 milhões de pessoas vivendo em casas chefiadas por mulheres negras, um outro aspecto a ser notado é a forte correlação entre pobreza monetária e precariedades e vulnerabilidades nas condições de moradia.(IBGE/PNAD, 2018) Ressaltamos ainda que o cenário descrito neste artigo é influenciado pelas questões mais marcantes nas favelas e periferias do sudeste brasileiro e que dada a imensidão e complexidade do país, alguns aspectos mais fronteiros podem variar.



forma peculiar. A autora também ressalta Carolina Maria de Jesus, principalmente em sua obra — *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, publicada em 1960, narrando o cotidiano duro das mulheres negras, sozinhas e seus filhos, enfrentando a fome, o racismo na favela do Canindé em São Paulo, e também o intelectual brasileiro Nego Bispo, autor de livros, poemas e líder quilombola, que nas palavras de Andreza Jorge reforça a conexão entre quilombos e favelas,

O intelectual brasileiro Nego Bispo, ao explicar os quilombos, apresenta uma reflexão provocativa quando afirma que nenhum quilombo é igual, que todos os quilombos são diferentes. Embora tenham elementos que os conectem e aproximem, são diferentes uns dos outros porque cada quilombo é resultado de confluências com o ambiente e todos seres vivos que o compõem. Então se é impossível que um ambiente seja exatamente igual ao outro, o mesmo ocorre com os quilombos. Me ancoro no pensamento de Bispo para falar sobre a favela, afinal nenhuma favela é igual a outra e, por isso, jamais poderia me colocar aqui como porta-voz das favelas. (Jorge, 2023, p.137)

Tais reflexões são necessárias para pensar sobre o que é visto do lado de fora da favela, e o que é visto de dentro. O que é realmente vivenciado nos territórios abandonados pelo Estado, das favelas e comunidades urbanas? Quem são as lideranças comunitárias que organizaram e dividiram comida, abrigo e cuidado, principalmente durante a pandemia? Quem cuida dos adoentados, das crianças e dos idosos? Não podemos cair na armadilha da generalização sobre a realidade das muitas favelas brasileiras, mas é possível afirmar que as mulheres negras são maioria nesses lugares, e que, diante do que Audre Lorde reverberou, as mulheres negras estão cansadas das opressões e violências, mas também cheias de raiva.

De acordo com o pensamento Lordeano, a raiva pode expressar e ser traduzida em favor de nossos ideais e nosso futuro, sendo como uma transformação que “liberta e dá força, pois é nesse processo doloroso de tradução que identificamos quem são nossos aliados, com quem temos sérias diferenças e com quem são nossos verdadeiros inimigos.” (Lorde, 1981/2019, p. 124). Mulheres negras de favelas e periferias podem não se dar conta, mas possuem uma grande capacidade de organizar suas raivas, transformando-as em combustível para seguir nutrindo suas famílias e territórios.

Analisando cuidadosamente, não é difícil perceber que as mulheres negras de favelas e periferias, diante da urgência da sobrevivência, criam, de forma inteligente, estratégias para seguirem vivendo e mantendo suas famílias e comunidades vivas. Não é



difícil perceber também, que a palavra estratégia, no nosso contexto brasileiro, colonizado, racista, machista e desigual, geralmente não está relacionada às mulheres negras e de periferias. Proponho um exercício simples, ao pensar numa figura que possa materializar um “ser estratégico”, como seria essa pessoa? Qual seria sua cor, sua classe, seu grau de escolaridade, seu gênero? Provavelmente pensaríamos numa figura militar, masculina, talvez um professor universitário branco, de óculos e cercado de diversos livros, concorda? Mas quem são as pessoas reais, que conseguem alimentar famílias inteiras ao longo dos meses, ganhando muito menos de um salário mínimo?

Vale ressaltar que o Banco Mundial considera o valor de U\$5,50 (cinco dólares) diários, ou R\$486 mensais *per capita*, a linha entre pobreza e extrema pobreza, conforme o estudo Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil do IBGE (2022). O mesmo diagnóstico ressalta que a proporção de pessoas pobres no país em 2021, era de 18,6% entre os brancos e praticamente o dobro entre os pretos (34,5%) e entre os pardos (38,4%), ou seja, somadas 72,9% das pessoas que vivem os cenários de fome, insegurança de moradia, falta de acesso à água, são negras e em sua maioria, mulheres. Como não considerar que a sobrevivência das pessoas negras no Brasil é resultado do esforço, do cansaço, mas também da complexa e profunda inteligência das mulheres negras, que com tão pouco, fazem muito. Nesse momento me lembro do trecho final da música “*Negro Drama*” dos Racionais Mc’s, quando Mano Brown provoca e agradece, rimando, “E de onde veio os diamante? Da lama, valeu mãe, negro drama! (2002).

Movimento Hip Hop: organizando a raiva para sobreviver no inferno

Tô deprimida, ambiente de desgraça
Traficantes, parasitas, viciados psicopatas
Um baseado pra afastar essa fadiga
Dessa noite sedentária de orgia e mal dormida[...]
Santo Agostinho é o meu santo protetor
Contradição é minha marca na reza e na dor
Sou o retrato três por quatro desse povo brasileiro
Sou a ausência do amor com a presença do dinheiro[...]
A necessidade me leva a sobrevivência
A miséria me leva a indecência
As duas à loucura, intenso devaneio
Sou a ausência do amor com a presença do dinheiro
Nega Gizza - *Prostituta* (2002)

Quem se assusta com a letra de *Prostituta* (2002), provavelmente conhece de forma distante a realidade dolorosa das favelas e periferias. Conhecida pelo seu nome artístico Nega Gizza, Giselle Gomes Souza é uma mulher negra, carioca, que atualmente tem 46 anos. Seu sonho de infância, de se tornar jornalista, foi interrompido antes dela concluir o ensino fundamental, ao ter que trocar a escola pelo trabalho informal. Aos 7 anos, com o irmão, vendia refrigerante e cerveja no centro da cidade do Rio. A história de vida de Gizza é marcada pelas muitas desigualdades e pela perda de seu irmão, Márcio Gomes, homenageado na música *Neném*, do aclamado Álbum *na humildade* (Itaú Cultural, 2023):

Minha mãe uma mulher de grande força produtiva
Acostumada a passar dificuldade na vida
Guarda no peito uma triste decepção
Neuroses da rua trazida pelo meu irmão
Márcio Gomes, ele assim foi batizado
Pela família e pelos amigos de neném era chamado
Apesar de muito louco, e do seu jeito diferente
Minha vó dizia que ele era inteligente
Uma revolta repentina toma corpo alma e mente
Desviando o destino que surpreendeu a gente
Aos doze na "cdd"!!!aviãozinho
Nega Gizza *Neném* - (2002)

A música densa de Nega Gizza abre alas para uma discussão necessária, ressaltando feridas que são estruturais e também tem reflexos individuais, nos corpos negros, femininos e de favelas. Gizza nos provoca a pensar, qual é o lugar das mulheres no movimento Hip Hop, aliás, o que é esse movimento e o que ele tem a ver com as mulheres negras de favelas brasileiras?

Chegava na favela recheado de mulher
Explorava sua mãe, batia na filha
Sua mina grávida, dizia que não sabia
Ela gerava seu bebê, você não admitia
O tempo passava ,a barriga crescia
A fofoca aumentava e o povo percebia
A família da sua mina falava todo dia
Sua guria foi posta pra fora de casa
Foi morar com você, que jogava na cara
A história começou a tomar o seu rumo



Nove meses passaram a criança veio ao mundo
Um barraco com barata e mosquito[...]
Nega Gizza - *Fiel Bailarino* (2002)

O enredo da música *Fiel Bailarino* poderia ser a história de várias outras pessoas de favelas e comunidades urbanas, atravessadas pelas opressões, marcadas pelas violências, o resultado de séculos de processo escravocrata. Esses são alguns dos ingredientes que fazem com que o Hip Hop seja uma possível ferramenta de organização e de transformação da raiva.

De acordo com Fochi (2007), o Movimento Hip Hop nasce em 1973, a partir de ações para conter as inúmeras guerras e disputas entre gangues que assolavam a periferia de Nova York, principalmente no Bronx. Alguns jovens que organizavam bailes, festas de rua e em escolas, resolveram criar disputas dentro dos bailes por meio da dança, no intuito de conter as brigas que aconteciam nas ruas. Assim, incentivaram a dançar o *break*, no lugar de brigar, e a grafitar como forma de arte, e não para demarcar territórios. As gangues se transformavam em grupos de dança e grafiteagem, e as disputas entre elas foram se transformando em função disso.

No Brasil, o Movimento Hip Hop chega dez anos depois, na Praça Ramos e em seguida para a 24 de Maio, Centro de São Paulo, onde ainda é possível ver uma pedra fundamental que celebra o local em que o Movimento foi difundido. Fochi (2007) resalta quatro elementos do Movimento Hip Hop, Rap (na tradução para o português seria a sigla para ritmo e poesia), *Breakdance* (dança protagonizada por dançarinos que geralmente batalham com movimentos que desafiam a gravidade), *DJ* (responsável pelas pickups de som e mixagens de músicas), e *Graffiti* (artistas que utilizam latas de tinta spray e colore os muros das cidades). Mas insisto que são cinco, tal qual a Organização Universal Zulu Nation ressona, seu líder, o DJ Afrika Bambaataa é reconhecido como fundador oficial do Movimento que reúne Rap, Break, Graffiti, DJ e como Bambaataa reforça, o quinto elemento fundamental, o conhecimento. Sem conhecimento os elementos são lidos como partes da indústria musical, das galerias de arte, ou de festas aleatórias. É neste quinto elemento, produzindo conhecimento, que posso afirmar ser o meu lugar no Hip Hop.

Mais do que seus elementos separados, o Hip Hop surge para gerar cultura e principalmente vida, em lugares em que as violências são cotidianas, lugares em que a



morte de jovens negros não causa comoção social, locais que são invisíveis para o Estado — isso quando pensamos em políticas públicas básicas—, mas que são extremamente visíveis quando as operações policiais fazem apreensões de drogas ou armamentos. O Movimento Hip Hop, enquanto cultura, transforma e organiza a raiva, dá ritmo e poesia para nossas dores, dá voz para as histórias que se repetem.

Daria um filme,
Uma negra,
E uma criança nos braços,
Solitária na floresta,
De concreto e aço,[...]
Família brasileira,
Dois contra o mundo,
Mãe solteira,
De um promissor,
Vagabundo
Racionais Mc's - *Negro Drama* (2002)

Como abordei anteriormente, o Movimento Hip Hop, seja aqui no Brasil ou ao redor do mundo, é um reflexo das nossas sociedades. Letras machistas, LGBTfóbicas e ausência de mulheres no protagonismo seja do Rap, do Graffiti ou enquanto DJ's é real, e uma crítica latente, que traria elementos para um outro texto inteiro. Neste, ressalto que o álbum *Sobrevivendo no Inferno*, dos Racionais Mc's de 1997, muda os rumos do Hip Hop no Brasil, transbordando as fronteiras entre estados e alcançando todo território brasileiro, porque relata os cenários que todo morador de favela e periferia enfrenta para sobreviver. E por mais que a imensa maioria dos protagonistas no *mainstream* do Hip Hop sejam homens, eles são filhos, netos, sobrinhos, pais e provavelmente, para que pudessem transformar seus sentimentos em letras, arte, música, e ter visibilidade, alguma mulher, provavelmente negra, estrategicamente organizou sua raiva, para que ele sobrevivesse.

Uma das primeiras mulheres a se destacar no cenário do Hip Hop brasileiro, reconhecida como a mãe do movimento no país, Viviane Matias, conhecida como Dina Di, era uma rapper que fazia questão de cantar a realidade das mulheres pobres, mães e sozinhas nas favelas e periferias. Raiva, amor, medo, ódio, paz, eram temas recorrentes nas suas criações, até os dias atuais, aclamadas e reconhecidas no Movimento Hip Hop.



Nascida em Campinas, chegou a ser detida e conhecer a realidade do cárcere, que conseguiu resumir o que Audre ressaltou. Infelizmente, Dina Di faleceu há 14 anos em decorrência de uma infecção hospitalar, após dar à luz a sua segunda filha. (Globo, 2022)

Exploro o meu lado bom
Controlo meu lado mau
Tenho um filho de 3
Vou completar 26 e se for preciso começo do zero outra vez [...]
Na escola eu aprendi a ler e a escrever
A rua me ensinou a como sobreviver
Ser uma adolescente por fora, adulta por dentro
A experiência te faz crescer antes do tempo
(Dignidade e honestidade)
(Mas quem sou eu pra falar?)
(Nem dá)
(Dignidade)
(Me sinto só) ”
Dina Di - *Mente Engatilhada* (2001)

Tanto o Movimento Hip Hop, quanto a autora Audre Lorde, são os responsáveis para que eu mesma pudesse organizar minhas raivas, sobrevivesse e encontrasse minha identidade; uma mulher negra, ex-empregada doméstica, ativista, psicóloga e agora pesquisadora das obras Lordeanas. Acordando cedo para ir trabalhar, com um amargo na boca e “um sentimento de revolta” (Racionais MC’s, 1997), eu tinha apenas 14 anos e a responsabilidade de limpar a casa de outras pessoas para ter dinheiro, passando por assédio, violências e armazenando um arsenal de raiva, como Audre nomeou. Para algumas pessoas, tanto Audre Lorde e suas importantes obras, quanto o Movimento Hip Hop, são novidade e causam estranhamento. Mas para mim, esse Movimento e essa pensadora negra costuraram em minhas entranhas a ideia de que as mulheres negras e pobres, filhas, netas e bisnetas de outras mulheres que foram escravizadas nesse país, são as grandes estrategistas dessas muitas guerras que insistem em exterminar e encarcerar pessoas negras no Brasil. Para pensar sobre essa ideia, se faz necessário mais tempo e outros estudos, mais profundos, mas deixo essa possibilidade destacada. Há uma inteligência que surge da urgência de vencer a fome, as violências e a morte.

Gosto de abordar o Movimento Hip Hop enquanto uma estratégia de sobrevivência da população negra, a partir da minha experiência empírica. Sou uma mulher negra de periferia, nascida no interior do estado do Rio de Janeiro, meu pai faleceu

quando eu tinha dois anos e minha mãe trabalhou ao longo de toda minha infância, enquanto empregada doméstica. Estudar sempre foi uma prioridade, e de alguma forma, minha mãe sabia que o conhecimento me libertaria de uma vida de trabalho pesado mal remunerado. Ela estava certa, a educação abriu portas que me levaram aos caminhos que percorro hoje, academicamente, mas a pobreza e o racismo marcaram minha trajetória. Quando fiz catorze anos, minha mãe adoeceu, teve câncer de mama, assim como Audre Lorde também vivenciou e, para que não passássemos fome, comecei a trabalhar também como doméstica. Eu me sentia um fracasso, fui tomada pela raiva e pela depressão. Por que tudo era tão difícil e doloroso? Por que eu não fui poupada de mais um problema? Por que eu não poderia só estudar e curtir minha adolescência? Acordava e dormia cheia de raiva.

A princípio não encontrei muitas respostas, mas pude, através do movimento Hip Hop, organizar essa minha raiva, tal qual Audre Lorde nomeou. Não fui prostituta como, Nega Gizza descreve na música, mas muitas das minhas amigas, também pobres e negras, encontraram na prostituição um caminho para manter financeiramente suas casas. Também vi muitos amigos, pobres e negros, entrando para o tráfico, alguns sendo presos, outros morrendo. Amadurecer, ser forçada a me tornar adulta e vivenciar as violências da desigualdade pulsante nos territórios de favelas e periferias, este também é parte do retrato três por quatro brasileiro rimado por Gizza, e também por Dina Di. No meu caso, encontrei no Hip Hop um sentido para não sucumbir. As letras duras, pesadas e para muitos assustadoras, eram parte da minha realidade, elas saciavam meus questionamentos, direcionaram meu mal estar, essas letras são um reflexo do país.

Considerações Finais

Racismo, raiva, adoecimento, morte. Audre Lorde propõe uma nova lógica para esse caminho. A poetisa estrategista propôs que a raiva possa ser utilizada como combustível nesta guerra constante contra uma sociedade que não espera que mulheres negras sobrevivam. Neste trabalho consideramos que o Movimento Hip Hop pode ser um caminho estratégico para organizar a raiva consequente de séculos de opressão racista, colonial, machista e classista brasileira, um caminho para nomear e afirmar identidades que são o alvo das políticas de morte e silenciamento presentes no país. Reunimos



elementos para ressaltar, que, assim como o Hip Hop, outras culturas também podem ser parte das formas de sobrevivência femininas e negras, assim como o samba, o carnaval, o funk, as religiões de matriz africanas, a poesia, ou mesmo a culinária, também podem ser alternativas socioculturais, que são o combustível, o alimento, o norte — as estratégias para organizar o contingente de raiva que mulheres negras possuem.

O retrato três por quatro do povo brasileiro, cantado por Nega Gizza, é cruel, repleto de vulnerabilidades e também perigoso para mulheres negras que ousaram e ousam erguer suas vozes. Submetidas aos extremos desde muito novas, mulheres negras adoecem cedo e não tem tempo e acesso aos cuidados que poderiam aumentar a qualidade e a estimativa de vida, ou mesmo estão mais vulneráveis às mortes violentas. Organizar a raiva como estratégia de sobrevivência numa sociedade que nos odeia. Amar como uma verdadeira e árdua revolução. Caminhos deixados por Audre Lorde, uma pensadora que merece mais atenção no contexto acadêmico brasileiro e também nos movimentos sociais, porque dialoga com tantas de nós, mulheres negras que insistem em sobreviver, tantas de nós que estamos cansadas de saber dos dados de mortalidade precoce e violenta. Nós queremos falar de vida e não somente falar, ou pesquisar, nós queremos encontrar estratégias concretas e eficazes para viver bem. Também queremos honrar e celebrar as mulheres negras que transformam sentimentos em palavras e ação enquanto estão vivas!

Referências

DINA DI; LAKERS; VISÃO DE RUA; DJ KL JAY. **Mente Engatilhada**. Produção KL JAY. Vol.3. In: Equilíbrio, 2001.

FOCHI, M. A. B. Hip hop brasileiro: tribo urbana ou movimento social? **FACOM: Revista de Comunicação da FAAP**, v. 17, p. 61-69, 2007.

GRAMADO, Paulo. **Professora pode ter sido morta por racismo**. Grupo Folha. São Paulo, 1995. [online] Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/1/31/cotidiano/37.html> >. Acesso em 25 de março de 2024.

FRANCO, Marielle, BUENO, Winnie (org). A emergência da vida para superar o anestesiamento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra e favelada. In: **Tem saída? Ensaios críticos sobre o Brasil**. Editora Zouk, Brasil, 2017. [online] Disponível em: < <https://www.editorazouk.com.br/Capitulo-MarielleFranco.pdf> > Acesso em 19 de outubro de 2023 > Acesso em 25 de março de 2024



QUEM foi Carolina Maria de Jesus e qual é o seu legado para a educação? 2021. [online]. Disponível em: < <https://www.fundacaotelefonicaativo.org.br/noticias/quem-foi-carolina-maria-de-jesus-e-qual-seu-legado-para-a-educacao/> > Acesso em 25 de março de 2024

NASCIMENTO, Rafael. **Quem são os suspeitos de mandar matar Marielle.** Portal G1. Rio de Janeiro, 2024. [online] Disponível em: < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/03/24/quem-sao-os-suspeitos-de-mandar-matar-marielle.ghtml> >. Acesso em 25 de março de 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** Flavia Rios, Márcia Lima.(org). —1ª ed.— Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

IBGE. **Pessoas pretas e pardas continuam com menor acesso a emprego, educação, segurança e saneamento.** Editoria Estatísticas Sociais. Uberlândia Cabral. 2022. [online] Disponível em < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35467-pessoas-pretas-e-pardas-continuam-com-menor-acesso-a-emprego-educacao-seguranca-e-saneamento> > Acesso em 21 de setembro de 2023.

IPEA. **Estudo mostra desigualdades de gênero e raça no Brasil em 20 anos.** [online] Disponível em:< https://www.ipea.gov.br/portal/mestrado-profissional-em-politicas-publicas-e-desenvolvimentodesafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2832:catid=28&Itemid=23 > Acesso em 06 de junho de 2024.

JORGE, Andrezza. **Feminismos Favelados: uma experiência no Complexo da Maré.** Rio de Janeiro: Ed.Bazar do Tempo, 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano.** Tradução: Jess Oliveira. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider: Ensaios e Conferências.** Tradução Stephanie Borges. 1 Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. (1985). **Sou sua irmã: Escritos reunidos e inéditos de Audre Lorde.** Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras.** Alex Ratts (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NEGA GIZZA. **Prostituta.** Compositora: Nega Gizza. In: **Na Humildade.** Intérprete: Nega Gizza. [S.I.]: Muquifo Records, 2000.

NEGA GIZZA. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Culturas Brasileiras.** São Paulo: Itaú Cultural, 2023. [online] Disponível em: < <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa507636/nega-gizza> >. Acesso em 25 de março de 2024.



GLOBO. **Pioneira do Rap e homenageada pelo google: quem foi Dina Di, cantora de Campinas que morreu há 12 anos.** [online] Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2022/03/20/pioneira-no-rap-e-homenageada-pelo-google-quem-foi-dina-di-cantora-de-campinas-que-morreu-ha-12-anos.ghtml>> Acesso em 21 de setembro de 2023.

ONU Mulheres. **Mulheres Negras e COVID-19. Incorporando Mulheres e Meninas na resposta à pandemia da COVID-19.** 2020. [online] Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/12/COVID19_2020_informe2.pdf> Acesso em 21 de setembro de 2023.

RACIONAIS MC's. Negro Drama. Edi Rock e Mano Brown. Compositores: Edi Rock e Mano Brown. In: **NADA como um dia após o outro dia.** Intérpretes: Racionais MC's. [S.I.]: Cosa Nostra, 2005.

USP. **No Brasil, mulheres negras têm maior mortalidade por covid que qualquer grupo na base do mercado de trabalho: Desigualdades raciais e de gênero aumentam a mortalidade pela covid-19, mesmo dentro da mesma ocupação.** Jornal da USP, 2021. [online] Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/mulheres-negras-tem-maior-mortalidade-por-covid-19-do-que-restante-da-populacao/>>. Acesso em 03 de Junho de 2023.